

## DESENVOLVIMENTO SOCIAL DA CRIANÇA: A FAMÍLIA COMO UNIDADE EDUCATIVA FUNDAMENTAL \*\*

---

Maria de Fátima Perloiro \*

O desenvolvimento social na criança corresponde à forma como a criança se relaciona com o mundo que a rodeia, com os seus pais e irmãos, com a família alargada, com os professores, os colegas a escola, os grupos, com a comunidade em geral e também consigo mesma.

A família e a escola são as duas estruturas fundamentais para iniciar a socialização da criança, pois é nelas que esta aprende, em primeiro lugar a exercer a liberdade e a ser feliz ao relacionar-se com os outros que a amam.

De facto, é no seio familiar que se desenvolve a socialização primária, assente na experiência emocional afectiva: *só se deseja o que verdadeiramente se ama e só se ama o que nos torna felizes*. Por isso é na família que definimos a nossa individualidade e nos transformamos mais facilmente em pessoas, ou seja, em sujeitos livres capazes de dar e receber amor. A família pode e deve ser auxiliada por outras estruturas, como a escola, onde a criança passa grande parte do seu tempo e onde portanto continua aquela aprendizagem, agora alargando a «estranhos» que progressivamente aprenderá a aceitar e a amar ou não, de tal modo que lhe permite ter uma postura construtiva face ao mundo.

De facto, uma pessoa com bom desenvolvimento afectivo é aquela que consegue de forma adequada, interpretar/compreender, exprimir e controlar as suas próprias emoções e as dos outros. Quando tal acontece essa pessoa será capaz de iniciar, manter e terminar (se for o caso) de forma saudável relações com os outros, sempre encarados como dignos de respeito, apesar das divergências que possam ter relativamente aos seus próprios critérios.

De forma a melhor compreender esta relação família-desenvolvimento social, caracterizar-se-ão alguns aspectos relacionados com a **família**, seguidos de aspectos relativos ao **desenvolvimento social** para finalmente fazer referência a algumas **formas concretas de intervenção** de que os pais ou outros educadores podem dispor.

---

\* Psicóloga.

\*\* Um agradecimento muito especial ao Prof. Eng.º Jorge Perloiro cuja partilha de ideias e experiência de vida muito enriqueceu a redacção deste texto.

## 1. A FAMÍLIA

A família pode ser definida como um sistema organizado, interdependente, regulado por um conjunto de regras e normas (Gerson, 1995)<sup>1</sup>. Na família existem redes complexas de narrativas e de laços afectivos entre os seus diferentes membros. É à família que cabe a responsabilidade da educação dos filhos e ao assumi-la torna-se num eficaz mediador entre o indivíduo e a sociedade. A família pode e deve fazer as escolhas educativas para os seus filhos de forma a que os seus objectivos possam ser alcançados.

A estrutura e o funcionamento familiar facilitam a educação para o desenvolvimento social e emocional. Todas as famílias possuem uma estrutura geralmente composta por quatro sub-sistemas: sub-sistema conjugal, que engloba as relações do casal; sub-sistema parental, formado pelos pais em conjunto com os filhos, (refere-se à relação existente entre pais e filhos); sub-sistema fraternal, que se refere às relações existentes entre irmãos e sub-sistema da família alargada, que trata das relações da família nuclear com os avós, tios, primos e cunhados ou seja, a famílias de origem. Estes sub-sistemas influenciam-se entre si mas, para serem «saudáveis» devem ter fronteiras definidas. Por exemplo é desejável que numa família o sub-sistema parental seja de facto o pai e mãe, sem ingerências abusivas de filhos ou mesmo de avós. As crianças deverão ter uma ideia clara que existem assuntos que são «dos pais», outros que são «dos irmãos» e outros, ainda, que pertencem a «todos».

Quanto às responsabilidades educativas elas recaem obviamente e sobretudo no sub-sistema parental, ou seja no pai e na mãe. Por isso, a estabilidade da relação conjugal é muito importante para o bom desenvolvimento social dos filhos.

A família socorre-se da escola como estrutura de socialização secundária, mas não deve nunca «entregar» os seus filhos à escola à espera que esta os eduque. E porque razão é a família núcleo privilegiado de educação? Por diversas razões entre as quais se salientam as seguintes: (1) **a família é núcleo de afectos**, (2) **é espaço de relação um para um**, (3) **é modelo de vida** e (4) **é a maior criadora de identidade**.

### **A família como núcleo de afectos**

Tal como já referimos, todas as famílias são redes complexas de laços afectivos. É na família que temos a certeza de ser amados por aquilo que somos e aprendemos a amar os outros. O clima afectivo familiar permite efectuar aprendizagens humanizadas que permitem às crianças aprender a Ser.

---

<sup>1</sup> R. Gerson (1995), «The Family Life Cycle: Phases Stages, and cuisés», in R. H. Mikesell; D.-D. Cushman e S. H. McDaniel, *Integrating Family Therapy*, Washington: APA.

É na família que se adquire a certeza de ser amado por aquilo que se é e se aprende a amar os outros. O clima afectivo familiar permite efectuar aprendizagens humanizadas que permitem às crianças ultrapassar o «para mim» e o «de mim» para o simples «eu», que se relaciona com o «outro» sem privilégios.

Naturalmente que as escolas também podem ser lugar de afecto, mas essa não é a sua função primeira, já que têm também de transmitir um vasto conjunto de conhecimentos.

Aliás, educar pressupõe a expressão permanente de amor, de compreensão, de comunicação e de partilha, sem esquecer a firmeza e exigência no que forem princípios fundamentais.

### **A família como espaço de relação de um para um**

A família é também o espaço privilegiado de relação de um para um. Todos sabemos como gostamos de ser únicos e especiais nem que seja por um breve momento. É assim porque, de facto, cada pessoa é sempre, por natureza, única e especial. Educar é também promover a regulação das emoções e, como somos únicos esta regulação será diferente de criança para criança, implicando por isso uma adequação individual. Quantas coisas aprendemos ao colo dos nossos pais? Às vezes aquilo que não se aprende na carteira da escola aprende-se ao colo do pai ou da mãe que com todo o carinho explica, repete, e ajuda com amor infinito. Quantas valorizações positivas e elogios mesmo silenciosos passaram dos olhos dos nossos pais para os nossos? É assim nesta interacção tão dual e pessoal que aprendemos a gostar de nós mesmos, que ganhamos auto-estima e auto-confiança e que, conscientes das nossas capacidades e competências seremos mais capazes de as desenvolver.

### **A família como modelo de vida**

É preciso que se tenha bem claro que a relação mais estruturante em cada família, é a relação entre pai e a mãe, relação que constitui para a criança o seu principal modelo. As intensas ameaças que nos dias de hoje comprometem a continuidade das relações conjugais deviam levar todos os membros da família a protegê-la e a sublinhar cada vez mais o seu valor fundamental. Por vezes no dia-a-dia das famílias a relação conjugal acaba preterida ou esquecida em benefício do tempo dedicado ao trabalho, aos filhos, aos amigos e a tarefas de gestão doméstica. No entanto, não deve ser esquecido que a totalidade dos projectos de família começaram por um projecto de casal, e que é o amor conjugal que contem em si o projecto de parentalidade.

Apostar na relação conjugal é portanto apostar na felicidade dos filhos.

O modelo que os filhos podem ter de amizade, amor, carinho, respeito, solidariedade emanam primeiro, da relação que lhes é dada observar nos seus pais. A melhor forma de educar será pois através do exemplo.

Em resumo o casal é a principal estrutura de suporte da família, nas suas vertentes material, emocional e espiritual, sendo por isso também o principal modelo dos valores orientadores da vida.

### **A família criadora de identidade**

Por último, a família é ideal como «berço» educativo porque desenvolve o sentido de pertença. Todos nós temos necessidades de um sentimento de pertença, de saber que nos incluímos neste ou naquele grupo. É na família que primeiro desenvolvemos esta sensação de pertencer a algo e a alguém. Este sentimento de inclusão desenvolve-se fazendo a criança perceber que ela depende dos outros mas que os outros também dependem dela. Todas as crianças devem ser conduzidas a experimentar em família, a satisfação de serem responsáveis por alguém ou por algo e também por elas mesmas. Esta consciência permite que na família, se desenvolva a maturidade que, por sua vez desenvolve a responsabilidade.

A família promove, ainda que informalmente, aprendizagens globais, que por meras razões metodológicas, podem dividir-se nas seguintes áreas: **cognitiva** (desenvolvimento do discernimento, do pensamento, da linguagem, da curiosidade do gosto pela leitura e pelo estudo); **afectiva e social** (desenvolvimento da auto-estima, da auto-disciplina, do sentido da responsabilidade, da auto-afirmação e capacidade de resolução de problemas); **pessoal e espiritual** (aprendizagem do dar gratuitamente, da corresponsabilidade com o mundo em que se vive, aprendizagem da oração e de valores éticos tais como a verdade, o espírito de serviço e de justiça entre tantos outros).

## **2. O DESENVOLVIMENTO SOCIAL**

O desenvolvimento social está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento emocional e afectivo.

O desenvolvimento social caracteriza-se por diversos tipos de competências que se podem observar quer no domínio intra-pessoal ao nível das emoções e dos afectos, quer no domínio inter-pessoal ao nível das relações que estabelecemos com outros.

Por exemplo no domínio intra-pessoal existirá um bom desenvolvimento pessoal quando uma criança tiver uma boa auto-estima, com sentimentos de valor próprio e de pertença a uma família, grupo, escola, etc. Essas crianças e jovens

tenderão a acreditar em si mesmos e na suas capacidade para atingir objectivos. No foro mais emocional conseguem acalmar-se a si mesmas sem explosões violentas e sem exibirem comportamentos negativos.

No domínio inter-pessoal, o desenvolvimento será bom quando a criança conseguir, estar atenta e compreender os sentimentos das outras pessoas. Essas crianças saberão esperar a sua vez e numa determinada fase serão mesmo capazes de adiar gratificações.

Educar para um desenvolvimento social positivo será ensinar as crianças a apreciar verdadeiramente o sentimento enriquecedor de se partilhar, brincar e de resolver problemas em conjunto com os outros, será ensiná-las a auto-afirmarem-se, e a defenderem-se escolhendo o que é certo.

Muitas crianças fazem este percurso de forma mais ou menos tranquila e espontânea, mas outras nem tanto. Quando não o fizerem, devemos estar atentos para que seja possível intervir tão breve quanto possível. E precisamente neste sentido, que se apontam algumas linhas orientadoras que podem ajudar a que as crianças desenvolvam boas competências sociais.

### 3. FORMAS DE INTERVENÇÃO: A FAMÍLIA E O DESENVOLVIMENTO SOCIAL

As notas que se seguem não pretendem de modo algum ser receitas a aplicar indiscriminadamente mas apenas constituir alguns aspectos orientadores que devem ser adaptados a cada estilo parental e a cada criança. Devemos recordar-nos que a maneira de ser de cada criança é sempre fruto de uma interacção complexa e permanente entre as suas características próprias genéticas e padrões de acção e o ambiente familiar, estilo educativo e restante meio social em que se insere. Um determinismo causal simples estará portanto longe de poder explicar o seu desenvolvimento social ou cognitivo.

Seguem-se então algumas propostas de intervenção centradas em 8 aspectos, a saber: **atenção; compreensão; apreciação/elogio; inclusão; validação; estruturação; modelagem e diversão.**

#### 3.1. Atenção

Todas as crianças gostam de atenção, e na verdade, nós adultos não somos diferentes! Para as crianças atenção é amor, curiosamente para muitos adultos também.

Como sabemos, há crianças que solicitam mais atenção do que outras, da mesma forma que há crianças que solicitam mais comida do que outras. Para se dar atenção é preciso dar-se tempo em quantidade e em qualidade. Tempo de qualidade não pode ser tempo dado a correr e com pressa, porque se assim for,

atenção dada a uma criança não permitirá aceder ao que ela pensa e sente acerca de si e dos outros; às razões da sua alegria e da sua tristeza.

Saber ouvir é um dos elementos chave para dar atenção de qualidade, e consiste na capacidade de considerar profundamente o que a criança diz e pensa. Dar esta atenção a uma criança criará nela sentimentos de auto-valorização, pois a criança sentir-se-á merecedora do tempo dos pais<sup>2</sup>. Os seus pequenos problemas, as suas pequenas «futilidades» são dignas da nossa atenção. Só há uma forma de ensinar alguém a não valorizar algumas coisas que de facto não a merecem – dando-lhe atenção, conversando com ela e explicando-lhe os porquês!

A criança por vezes não está logo acessível para falar é preciso conseguir abrir «a brecha», e isso, às vezes, leva tempo. É preciso criar o clima, o espaço de conforto relacional em que a criança sinta que é amada diga o que disser.

A desatenção será pois sempre a desvalorização da criança, e não deve ser esquecido que embora a criança mais velha solicite por vezes menor atenção tal facto não significa que não precise dela. Dar atenção não é dar mimos e não «estraga» a criança. Tal porém não significa que não se possa e deva ensinar a criança a esperar por um momento de atenção.

### ***A atenção posta em prática:***

Tempo, tempo, tempo! Para darmos atenção precisamos de tempo, esse bem tão escasso e precioso.

Afinal porque quisemos ser pais? A justificação das nossas ausências de atenção com a falta de «tempo», mascara alguma dificuldade de discernimento quanto aos principais objectivos de vida. Onde estamos nós, principais responsáveis pelos nossos filhos? Julgo que, hoje mais do que nunca, é preciso parar para pensar na forma como alocamos o nosso tempo. Quando não temos tempo natural para estar com os nossos filhos, temos que «inventá-lo», «forçá-lo» a existir... Há que dizê-lo de uma forma crua: as famílias precisam de adoptar medidas drásticas nesta matéria, têm de sacrificar para colher...

Uma forma de dar atenção é ouvir aquilo que alguém tem para dizer. Por vezes a nossa vida atarefada e apressada rouba-nos a disponibilidade interior para ouvir. É preciso parar e colocar a nossa atenção selectiva centrada naquilo que há de mais importante na nossa vida: os filhos. Os adultos podem tentar espelhar o que as crianças dizem, ou seja repetir em parte o que elas acabaram de lhes dizer. Esta atitude será para as crianças um sinal claro que estamos atentos e interes-

---

<sup>2</sup> Por exemplo, uma das regras de boa educação que muitos pais estimulam – cumprimentar sempre alguém que acaba de chegar – patenteia bem, embora de forma implícita, esta ideia de que dar atenção é dar importância e, por isso, atribuir valor a determinada pessoa.

sados: «Então hoje fizeste pinturas...», «Não te apetece ir à escola...», «Disseste que tinbas medo... então...».

Outra forma de dar atenção consistirá no iniciar uma conversa cujo tema se relacione com a criança, por exemplo fazendo perguntas ou comentando algo positivo acerca do que a criança fez ou disse: «Tenho pena que tenbas perdido o teu brinquedo...», «Eu sei que estás triste porque...», «Estou tão vaidoso por já andares de bicicleta sem rodinbas...», «Eu gosto tanto quando és querido para a tua irmã...», «O que fizeste hoje na escola?».

Dar atenção brincando é também algo importante. De facto, a maioria das crianças e jovens que acompanho em consultas de psicologia, quando questionadas sobre o que mais gostam de fazer em casa com os pais, respondem: brincar! (voltaremos no ponto 3.8. a falar novamente sobre este tema).

### **3.2. Compreensão**

Todas as crianças têm uma enorme necessidade da presença dos pais, não por escolha deliberada, mas por instinto. Os pais são conforto, segurança, confiança, prazer e amor, por isso eles nos «querem» tanto. No meio de um conflito com os filhos, antes de gritarmos e explodirmos, pensemos que eles precisam de nós, até nos confrontos e para lhes ensinar como se resolve um diferendo!

Compreensão é empatia, e passa pela tentativa de ver o mundo e as situações pelos olhos das crianças. Todas as crianças são únicas, por isso, tentar ver pelos olhos de cada uma delas será inevitavelmente um processo difícil e trabalhoso.

Antes de querer influenciar ou aconselhar uma criança, será necessário compreendê-la. Sem compreender a razão porque uma criança fez algo, podemos estar esgrimir ao vento... Compreender a criança contribuirá para que ela nunca se sinta emocionalmente sozinha, pois em qualquer circunstância ela sabe que poderá ir para aquele colo, onde será sempre amada. Quando a criança faz algo mal, é preciso que desenvolva uma vergonha saudável e não nunca uma vergonha tóxica. A vergonha tóxica cultiva-se através da veiculação da mensagem que a criança foi má em vez de que as suas acções, essas sim, foram más.

Só aquela criança que sabe que terá sempre compreensão, conseguirá comunicar verdadeira e honestamente com os pais.

#### ***A compreensão posta em prática:***

Uma criança só pode desenvolver nas suas relações sociais capacidades de compreensão face aos outros se tiver sido ela mesma compreendida.

Alguém que nos compreende é sempre alguém que cria um clima de confiança, que está lá quando é preciso, que cumpre as promessas que faz, que chora connosco e que ao tentar entender-nos também nos conta coisas sobre si mesmo.

Num conflito os pais devem ouvir a criança, devem falar de si mesmos quando eram pequenos. Devem abrir-se e contar o que fizeram, o que pensaram e o que sentiram, numa frase devem «calçar os sapatinhos dele ou dela», ou seja coloquem-se no lugar da criança.

Um adulto compreensivo não é equivalente a um adulto permissivo, pois é preciso ser-se firme e consistente e é possível disciplinar com amor (este aspecto será desenvolvido no tema 6 sobre a estruturação).

### 3.3. Apreciação/Elogio

A apreciação e o elogio são os grandes pilares do desenvolvimento da auto-estima, do sentimento de auto-eficácia e da modelação de atitudes.

O auto-conceito forma-se através da percepção que a criança tem das emoções que os pais têm relativamente a ela. É preciso, de vez em quando, dizer que sentimentos temos e demonstrar esses mesmos sentimentos. Se não o fizermos a criança pode começar a duvidar do seu valor e dos nosso afecto em relação a ela.

De facto, o elogio é provavelmente o melhor reforço social pois quando um comportamento é valorizado ele tenderá a ser mantido, tendo em conta que a criança a partir dos 3 anos gosta de agradar aos adultos.

Comunicar elogiando ou apreciando é comunicar pela positiva. Por isso, os pais não podem e não devem reduzir as suas interações apenas a correcções e reparos sobre o que está mal. Não admira que os modelos educativos de algumas gerações que nos antecederam em que era suposto as crianças brincarem ao longe, sem «aborrecer» muito nem fazerem «ondas», reduzissem as interações com as crianças aos momentos em que cometiam asneiras ou que faziam barulho. Hoje porém, a imagem do pai castigador, punitivo e que só aparece para falar de problemas, para pôr na ordem e para castigar é quase sempre fruto do seu afastamento da vida familiar.

Mesmo quando se corrige uma criança isso deve ser feito com formas positivas de linguagem de modo a introduzir alternativas de pensamento e de acção. Dizer só o que não se deve fazer, é susceptível de sugerir ideias que não interessam! Se, pelo contrário, dissermos o que esperamos que as crianças façam estaremos a introduzir ideias positivas de acção.

Em resumo, «o elogio é, como sabemos, uma verbalização positiva que chama a atenção para as coisas correctas e agradáveis que a criança ou jovem fez ou para as qualidade que tem. É um acolhimento entusiasmado do seu comportamento verbal ou não verbal, das suas atitudes e mudanças, da sua forma de ser. É um ânimo e uma chamada de atenção sobre o correcto e o bom. Usado com precaução e realismo o elogio pode operar milagres educativos» (Marujo, Neto e Perloiro, 1998)<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> In *A Família e o sucesso escolar*, Editorial Presença.

### ***O elogio e apreciação postos em prática:***

Os adultos devem estabelecer um fluxo consistente de apreciação sincera e justificada. Se elogiarmos indiscriminadamente não estaremos a ser sinceros e as crianças percebem-nos com muita facilidade.

A apreciação deve ser feita relativamente ao que a criança é na realidade e às suas aptidões naturais e não apenas àquilo em que desejamos elas se tornem, pois corremos o risco de transmitir a ideia de que nunca nada estará suficientemente bem.

O esforço e o empenho também devem ser valorizados, *«Parabéns por teres estudado mais desta vez, embora a nota não tenha sido tão boa como esperavas.»*, *«Não ganbaste mas fizeste no teu melhor, estou muito feliz por ti...»*.

Há ainda que elogiar comportamentos distintos. Não devemos centrar-nos exclusivamente numa área pois uma criança pode não ser excelente no seu desempenho escolar, mas pode por exemplo, ser óptima nas relações sociais com os seus amigos.

Quando os pais quiserem ser modelo, não podem esquecer-se que ao apreciarem os outros à frente dos seus filhos, estão através do seu comportamento deverão ensinar a criança a centrar-se naquilo que é positivo, que funciona e que está bem, libertando-a de um quadro de pensamento e acção centrado na negatividade. Desta forma, a criança desenvolve também uma correcta capacidade de auto-apreciação.

### **3.4. Inclusão**

Todos nós temos necessidades de pertença, de saber que nos incluímos neste ou naquele grupo. Somos de um país, de uma cidade, de uma família ou de uma determinada escola. Isto cria a nossa identidade. Compreender e aplicar o conceito de inclusão é parte integral do desenvolvimento social das nossas crianças como futuros adultos felizes.

Este sentimento de inclusão desenvolve-se fazendo a criança perceber que ela depende dos outros mas que os outros também dependem dela. Este sentimento de saudável dependência dos outros é uma lição muito saudável! É um *kit* de sobrevivência! Todas as crianças devem ser conduzidas a experimentar a satisfação de serem responsáveis por alguém ou por algo a começar por si mesmas. Devem também aprender que a vida, vivida de uma forma honrada, significa esforço e não apenas esforço alheio. Esta consciência desenvolve a maturidade das crianças e dá-lhe sentido das responsabilidades próprias. Curiosamente como a melhor forma de aprender é ensinando, os adultos desenvolvem também em si essa consciência e daí que, ser ou mãe, seja uma das formas de amadurecimento humano.

Quando as crianças percebem a sua ligação e pertença a uma família, escola ou grupo, percebem também a sua responsabilidade face aos mesmos.

### ***A inclusão posta em prática:***

Para desenvolver na criança o sentido de pertença é necessário ajudá-la primeiro a construir a sua própria identidade. A família pode contribuir de formas muito diversas dependendo da idade das crianças.

A utilização do álbum de família é uma actividade com enormes potencialidades e de efeitos muito benéficos. Mostrar o álbum de fotografias, conversar sobre todas as pessoas e situações, mostrar aos seus filhos como eram em pequenos, o que gostavam e o que não gostavam, dá-lhe a percepção do lugar e meio onde nasceram, de quem estava com eles nesse momento, e de como foram desejados e amados<sup>4</sup>.

Outras sugestões passam por actividades lúdicas como jogos de *roll-paying* em que se trocam papéis e o filho faz de pai a filha faz de mãe, etc., de modo que a família conheça as representações que cada um faz dos outros. Com os mais pequenos podem, inclusive, usar-se espelhos e pedir-lhes que eles se descrevam.

É imprescindível o envolvimento das crianças na vida da família, que pode ir desde o pedido de ajuda/apoio físico ou emocional (ajuda para arrumar, pegar em algo pesado, ajuda para descansar, para alegrar, para confortar,...) até à atribuição de pequenas responsabilidades domésticas e participação na realização de tradições familiares.

### **3.5. Validação**

Validar significa atribuir valor e significado a alguma coisa. Todos gostamos que aquilo que fazemos e dizemos seja validado porque isso justifica a nossos olhos o trabalho, esforço e empenho que pusemos nessas acções. As crianças também precisam de validação, principalmente dos seus sentimentos. É preciso valorizar as suas emoções positivas ou negativas, estar alegre é bom mas estar triste também é muito importante pois significa que elas são sensíveis e são pessoas!

Uma criança sociável e aberta à experiência lida bem com os seus sentimentos e por isso tem mais facilidade em articular com os outros esses sentimentos e emoções.

Os nossos filhos precisam que os seus sentimentos sejam validados de forma a que possam aprender a expressar-se através de toda a gama de emoções e de modo apropriado. Uma criança que «explode» pode ser pouco desejável, mas para os pais, ter uma criança emocionalmente anestesiada será algo que também os deve preocupar!

---

<sup>4</sup> Esta actividade é por exemplo, muito útil quando nasce um irmão ou irmã. Pequenos ciúmes pela atenção prestada ao recém-chegado podem desvanecer-se quando a criança mais velha perceber que também ela foi alvo das mesmas atenções, cuidados e carinhos.

A validação das emoções acontece quando nos tornamos o espelho que dá resposta a uma reacção emocional da criança. É possível enviarmos mensagens tão variadas como: *«tens razão para chorar»*, *«estou contente por estares contente»*, *«modera o teu tom de voz»*. A criança aprenderá pouco a pouco aquilo que se chama «auto-regulação emocional».

A validação começa com a empatia, ou seja com o partilhar das emoções com outra pessoa.

A emoção mais difícil de validar é a ira ou a fúria, em geral resultante de uma contrariedade, ofensa ou agressão. De facto as crianças não podem ter tudo o que querem, mas a sua raiva ou fúria pode também ser valorizada. De facto, sem zanga, sem agressividade ou revolta a criança pode tornar-se apática, ao ponto de ser o «capacho» dos outros, o «bombo da festa», o fazedor de favores, que não se impõe face a nada.

Por isso, em última instância é preciso saber validar o «não» das crianças, pois desejamos que um dia mais tarde elas saibam dizer «não» em circunstâncias difíceis.

### ***A validação posta em prática:***

Todos temos tendência para validar exclusivamente emoções positivas fazendo quase exclusivamente comentários positivos quando a criança está alegre, feliz ou entusiasmada. No entanto, as emoções negativas têm também um papel central na nossa vida. Por exemplo, a raiva é a emoção que protege a nossa dignidade, a tristeza e choro ajudam a fazer lutos e a mostrar compaixão pelos outros, o medo protege-nos do perigo e a vergonha (saudável) é a base da consciência.

É pois importante que, em família, se validem diversas emoções: *«Estou a ver que estás preocupado, o que se passa?»* *«Já percebi que estás triste...»*, *«Às vezes é normal ficarmos tristes...»*, *«Também tenho pena que estejas doente...»*.

A educação emocional também é necessária e pode fazer-se utilizando jogos de emoções, mímicas, faces, representação de estados emocionais, e iniciando histórias de alguém que estava triste, zangado ou contente pedindo às crianças que as completem.

Para desenvolver a auto-regulação emocional, podem fazer-se jogos em que se convidam as crianças a usar um tom de voz alto e depois baixo, alegre e depois triste. Jogos em que é possível «mandar» no corpo deles, por exemplo os pais e outros educadores podem mostrar às crianças que têm controlo sobre si mesmas, pedindo-lhes para saltar, para gritar, para falar em sussurro, para bater palmas... Nestas situações as crianças aprendem que se quiserem podem controlar-se e escolher o comportamento mais adequado a uma dada situação.

Os adultos devem ser claros quanto aos seus sentimentos. «*A mãe está tão contente, tão orgulhosa*», «*O pai está tão feliz, tão triste... porque...*». A ambiguidade de sentimentos é algo que mesmo os adultos têm dificuldade de gerir, imaginemos pois as dificuldades acrescidas para as crianças.

Cruzando a modelagem com validação será benéfico que as crianças presenciem o mais possível demonstração de afectos positivos entre os membros da família (pai e mãe, pais com filhos, entre irmãos, etc.).

### **3.6. Estruturação (autonomia e limites)**

Estabelecer limites e educar para a autonomia promove a estruturação da criança. As crianças precisam de estruturação para poderem construir-se a partir daí. A estrutura e a rotina transmitem também à criança um sentimento de segurança interna. Por isso crianças que crescem em ambientes emocionalmente estáveis tendem a tornar-se adultos emocionalmente estáveis.

Uma criança que aprende o equilíbrio entre a autonomia e os seus limites conseguirá, em geral, uma boa segurança emocional. É natural que a criança lute pela sua autonomia, pois isso é sinal que deseja algo e que quer projectar-se no futuro através de uma acção, embora para os pais seja mais confortável não ter que resistir! A criança só aprenderá a nadar se a deixarmos experimentar sozinha, sem ajuda, embora com supervisão discreta. A criança ultra-obediente, por vezes vista como modelo desejável e espelho de «boa-educação», deixa no entanto muitas reservas quanto às suas aptidões sociais, nomeadamente da sua capacidade de resolução de problemas, ou seja, da sua capacidade reflexiva e crítica.

#### ***A estruturação posta em prática:***

O aspecto mais importante a pôr em prática é tentar desenvolver na família um ambiente de estabilidade emocional, onde se possam viver saudavelmente os altos e baixos do carrossel emocional que é a vida! Assim, e dentro do possível, a família deve ser um meio previsível, com estrutura e constância – para que crianças e jovens saibam o que deles se espera e o que acontecerá se cumprirem ou não cumprirem as regras pré-estabelecidas.

De facto é muito importante saber disciplinar... mas com amor. Mas o que é disciplinar com amor? É ensinar às crianças e jovens sem as desrespeitar nem violentar, quais os limites para o seu comportamento. É estabelecer regras e consequências negativas – sempre que possível negociadas – e ser docemente firme na sua aplicação e cumprimento. Quando falamos de consequências negativas estamos a falar de castigos (como o não poder sair ao fim-de-semana com os

amigos, não ver o programa preferido na TV, ir para a cama mais cedo, não ir jogar lá para fora). É também definir cooperativamente as consequências positivas pelo cumprimento (ir ao cinema, alugar um vídeo). Os pais têm o dever de orientar e guiar os seus filhos no que é certo ou errado, social ou familiarmente aceite ou não aceite, e as consequências são uma das formas de ensinar a valorar o comportamento (Marujo, Neto e Perloiro, 1998).

Será conveniente adoptar um modelo educativo intermédio (com autoridade) nem demasiado permissivo nem demasiado rígido do tipo autoritário. Por exemplo uma das características deste estilo parental mais desejável – com autoridade –, traduz-se no estabelecimento de limites saudáveis, com fronteiras físicas e psicológicas flexíveis; numa comunicação aberta e interessada na opinião dos filhos, e numa aceitação do aceitável... decidindo em conjunto quando tal for possível.

Usar metáforas<sup>5</sup>, ou imagens é extremamente útil pois são em geral mais acessíveis à criança para a compreensão da autonomia e dos limites. Contar um caso e perguntar o que elas acham que os pais do outro menino ou menina deviam fazer, e porquê, é também uma estratégia que permite desenvolver a estruturação.

Por último, como a maior parte das nossas interações familiares assentam na comunicação será importante que se tenha atenção ao tipo de discurso utilizado! É importante evitar desqualificações, generalizações e culpabilizações (e.g. *«Mas que raio de problema tens tu?; Não suporto este miúdo! És estúpido ou quê?; Não vale a pena, não vais entender nunca...; Fazes tudo mal...; Mas que mal fiz eu para aturar isto...?; Isso é uma parvoíce, uma mariquice...»*).

Podemos sempre optar por dizer: *«Adoro-te, mas isso não posso deixar que tu faças isto de modo nenhum... «Já vi que estás descontrolado, o que se passa?, Estou muito cansada, por favor peço-te que te acalmes...; Desta vez as coisas não correram lá muito bem...»; «Magoaste imenso o teu irmão, fico tão triste, como achas que ele se está a sentir?»*.

Estas são apenas algumas pequenas sugestões práticas para o desenvolvimento da autonomia, e para dar consciência das regras e limites, tão importantes no desenvolvimento social.

---

<sup>5</sup> Na minha prática clínica tenho testado a eficácia de algumas metáforas, que aqui deixo como possível recurso: (1) A **metáfora da planta pequenina** que para crescer direita deve ter uma «guia» ou estaca ao lado. A estaca não abafa, deixa crescer, mas orienta. Um dia quando a planta estiver com o tronco já forte e aguentar o vento e as tempestades a estaca pode ser retirada... (2) A **metáfora do surf**. Fazer surf é muito bom mas tem riscos, às vezes é bom ter alguém na praia que nos avisa de alguma onda maior que nos pode pôr em risco. Acontece que na praia (os pais!) vêm melhor do que quem está dentro de água...

### 3.7. Modelagem

A modelagem, como o próprio nome indica, está relacionada com um processo de aprendizagem. A criança aprende através de um modelo que ela observa. Este tipo de aprendizagem também é denominada por aprendizagem vicariante. A criança aprende através da observação de outros que têm determinado comportamento ou que são reforçados por algo.

A modelagem está relacionada com a teoria da aprendizagem social desenvolvida por Albert Bandura, e presta particular atenção não só a recompensas e punições directas que os indivíduos em geral recebem, mas também a recompensas e punições que os modelos – indivíduos que fornecem um guia para o comportamento apropriado – recebem pelo seu comportamento. Durante os primeiros anos de vida os principais modelos são os pais, os irmãos os avós e os professores.

Segundo a teoria da aprendizagem social, as pessoas observam o comportamento de modelos e as consequências subsequentes do comportamento. Se as consequências forem positivas, é provável que o comportamento seja imitado no futuro quando os observadores se encontrarem eles próprios em situações semelhantes.

A formulação básica da teoria da aprendizagem observacional recebeu um vasto suporte de investigação. Por exemplo, crianças em idade pré-escolar que observaram um adulto a comportar-se de forma agressiva, revelam elas próprias o mesmo comportamento se tiverem estado previamente zangadas (Bandura, Ross e Ross, 1963a, 1963b)<sup>6</sup>. De facto, a melhor forma de ensinar é através do exemplo, como lembra o ditado *«faz o que eu faço, não faças o que eu digo...»*, ou ainda como costuma recordar o Padre Alberto Brito, S.J.: «as crianças não obedecem, as crianças imitam!».

O conhecimento de uma criança desenvolve-se através das interacções formais e informais com as pessoas que lhe são mais próximas: pais; avós; amigos e professores, que lhe fornecem informações características de uma determinada cultura (Vigotsky, 1978)<sup>7</sup>.

Para as crianças, a relação mais importante em cada família é relação entre os pais e é sobretudo esta que lhes serve de modelo. Apostar na relação conjugal, é portanto apostar na felicidade dos filhos. O modelo que as crianças podem ter de amizade, amor, carinho, respeito e solidariedade emanam primordialmente, da relação que lhes é dada observar nos seus pais.

---

<sup>6</sup> A. Bandura, D. Ross e S. A. Ross (1963a), «Imitation of film-mediated aggressive models», *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 66, pp. 3-11. A. Bandura, D. Ross e S. A. Ross (1963b), «Vicarious reinforcement and imitative learning», *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 67, pp. 601-607.

<sup>7</sup> L. S. Vygotsky (1978), *Mind in society: The development of higher mental processes*, Cambridge, MA: Harvard University Press.

### ***A modelagem posta em prática:***

Pelo que atrás foi exposto é possível constatar o intenso poder educativo associado à observação dos pais, e dos adultos em geral, como modelos.

A primeira sugestão de aplicação prática da modelagem consiste num convite à introspecção individual e partilhada, sobre a forma como cada membro do casal é modelo para os filhos, porquê e em quê. Que tipo de modelo são os pais? De paz e tranquilidade ou de inquietação e nervosismo? Modelo de paciência ou de impaciência? De alegria ou de tristeza? De disponibilidade ou de falta de tempo? Modelo de solidariedade ou de egocentrismo?

A modelagem ocorre também de forma não intencional, por isso é absolutamente necessário que os responsáveis familiares estejam conscientes do modelo de vida (e dos valores) que estão permanentemente a transmitir aos seus filhos.

Se é verdade que na escola se podem fazer diversas aprendizagens, a dos afectos fica quase exclusivamente à responsabilidade familiar. Assim, a segunda sugestão relaciona-se com a importância de modelar junto das crianças afectos sinceros e ternos, ensinar os filhos a reagir a uma situação, falar sobre os heróis deles, perceber o que mais apreciam neles.

Nos tempos que correm é também de extrema importância que a família reflecta sobre quem são os outros modelos na vida dos seus filhos.

### **3.8. Diversão**

Brincar é uma das melhores coisas da vida, quando se brinca o tempo flui. Desejamos estar onde nos sentimos bem, e brincar faz-nos sentir bem. Através do brincar proporcionamos às crianças e a nós mesmos momentos de intenso bem-estar. Estar bem disposto, divertido, alegre em conjunto com aqueles que amamos é uma experiência de crescimento humano!

Brincar não é só com os pares e na escola, também é na família. Brincar é o veículo das aprendizagens mais significativas da criança, por exemplo a interacção social.

É esta capacidade de interacção social que permitirá à criança interpretar o significado do comportamento dos outros e desenvolverá a capacidade de resposta adequada. Através da brincadeira, elas aprendem a ter a perspectiva dos outros e a inferir os pensamentos e sentimentos dos outros, mesmo quando estes não estão a ser expressos directamente.

Brincar permite uma entrada total no mundo da criança. Será conveniente ler histórias, brincar às bonecas, aos polícias, fazer teatros, jogar às escondidas ou ao faz de conta. Esta última actividade é uma brincadeira que permite aceder às verdadeiras emoções e sentimentos das crianças.

Em resumo, brincar legitima uma igualdade no plano relacional entre a criança e o adulto, desenvolve o acesso ao simbólico e permite um divertimento mútuo, daí a sua riqueza.

#### **4. CONCLUSÃO**

Depois desta abordagem detalhada sobre a forma como a família pode contribuir para um desenvolvimento social positivo das crianças e jovens, restam-nos apenas alguns comentários conclusivos.

Educar é um desafio familiar diário que passa pela expressão permanente de amor, compreensão, comunicação e partilha, sempre com exigência e firmeza naquilo que os pais entendam ser os valores fundamentais. Devemos ter uma atitude otimista, e partir com a certeza de que fizemos bem até hoje para que esta nos dê forças para continuar com empenho neste desafio que é educar alguém. A tarefa de educar é sempre mais fácil e eficaz quando alimentada pela esperança de que se pode ser sempre melhor.

Decerto existirão sempre inseguranças, mas confiar em nós mesmos e nas crianças e jovens que fazem parte da nossa vida, dar-lhes o nosso amor incondicional, partilhar com eles emoções serão sempre grandes pontos de apoio.

Educar para o desenvolvimento social é educar para as relações com outros, e como o amor só existe «em relação», o desenvolvimento social é, em, última instância educar para o amor no sentido lato da palavra.

A família é um dos bens mais preciosos que qualquer sociedade tem, a educação de uma nação começa na educação familiar. A família empenhada no desenvolvimento social das crianças e dos jovens, estará decerto a contribuir para a sua sólida formação humana facilitando assim a educação para a fidelidade à comunidade, para a esperança no futuro e para a caridade aos irmãos.